

# Criatividade em comunicação: uma experiência didática

**Neusa Demartini Gomes**

Universidade Federal de Santa Maria (RS)

Augusto Rodrigues, fundador da Escolinha de Artes do Brasil e incentivador da Educação através da Arte (no sentido não apenas restrito ao "fazer" arte, mas sobretudo ao "sensibilizar-se" pela arte, estar aberto a ela, sentir sua necessidade no dia-a-dia), diz que "é pela criatividade que o homem se revela. É na expressão criativa que ele capta o essencial das coisas, incorporando valores e experiências e sendo capaz de acrescentar-lhes um conteúdo novo essencial".<sup>1</sup>

Nossos jovens universitários em geral, matriculados em cursos cuja ênfase única no ensino é a transmissão-captção de técnicas e conhecimentos científicos já comprovados e aprovados, ressentem-se de um espaço onde possam buscar o novo, novas respostas em todas as áreas.

O Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria tem como disciplina obrigatória *Criatividade em comunicação*, cujo objetivo é "proporcionar ao aluno um desenvolvimento criativo, através de exercícios de observação, percepção, análise e manipulação de elementos da comunicação. Através de exercícios criativos o aluno será preparado para situações novas e como agente transformador, procurando criar e aplicar novos conceitos e técnicas de comunicação".<sup>2</sup>

É rica a bibliografia sobre o processo criativo; por isso este artigo não pretende discorrer sobre a teoria em si, seus conceitos e definições. Pretende-se, isto sim, mostrar como são desenvolvidas as aulas na disciplina em questão, disciplina com uma carga horária de 60 horas/aula, distribuídas no IV semestre do curso básico (comum ao jornalismo, relações públicas, rádio e televisão e publicidade e propaganda).

## I — O DESENVOLVIMENTO DA PERCEPÇÃO

"As experiências pressupõem o incremento das relações e o refinamento das descobertas pessoais, pois criatividade é, em última análise, função da relação transacional entre o indivíduo e o meio no qual vive" (Maria Helena Novaes).

Como já foi dito, visa-se ao prático e não ao teórico. Inicia-se, pois, a disciplina procurando fazer com que os alunos conheçam o seu meio ambiente, ou seja, a sala de aula, onde se desenvolverão as atividades no decorrer do semestre.

O que é o meio ambiente? Como se compõe? Qual o espaço que ocupa? Que formas comporta? Que cores e que elementos possui? Que espaço ocupamos nós? Como grupo e como indivíduos, o que representamos

neste espaço? O que sobra? Há sombras? Há luzes? Quais as relações entre elas? Há odores? Há sons? Quais as interferências internas e externas? Onde há mais calor? Onde há mais frio? Vento? Quais os elementos mais duros? Mais suaves? Mais ásperos? etc. O conhecimento sobre a sala é amplo e pode ser quase inesgotável.

Assim por diante, através do estímulo de pleno uso de suas percepções sensoriais, fazem-se incursões nessa "sala", que levem o aluno a perceber o que normalmente, em situação comum de classe não é percebido.

Como em todos os demais exercícios, não se pode permitir que os alunos se satisfaçam com o óbvio. É necessário que haja motivação para que continuem extrapolando as suas percepções.

Terminado o período de "conhecimento através da observação", iniciamos o período de verbalização, onde o objetivo é levar o aluno a sistematizar sua experiência pessoal, transmitindo-a ao grupo. Solicita-se que relacionem as "coisas novas" (novidades relativas e novidades absolutas) que cada um encontrou. Poderão apresentá-las sob a forma de relação escrita, desenho, redação, relato oral etc. A partir daí, pode-se trabalhar em comunicação, especificamente, com os elementos descobertos. Costuma-se variar, de turma para turma, o uso das descobertas, podendo ser utilizadas em expressão plástica (interpretação plástica do meio ambiente, nunca a reprodução), expressão corporal, dramatização, linguagem escrita (a partir de um ou mais elementos, apresentar um conto, uma reportagem sobre a sala, buscando aspectos inusitados) etc. Costuma-se discutir com os alunos o tipo de produto final a ser apresentado.

Como avaliar o exercício? Não há resposta ou produto final predeterminado. De aluno para aluno, de grupo para grupo, de turma para turma, as respostas não vão necessariamente coincidir entre si, porque as circunstâncias de tempo e de espaço são diferentes. Partindo-se do pressuposto de que "criatividade é a capacidade de encontrar novas soluções para um problema, ou novos modos de expressão",<sup>3</sup> aqueles alunos que obtiveram respostas ímpares e originais, na primeira etapa da observação, conseguiram, neste exercício, um resultado individual melhor. O trabalho dos grupos, na segunda etapa, ou seja, a da expressão das descobertas, será submetido aos mesmos critérios de avaliação.

Se considerarmos toda a avaliação um processo contínuo e cumulativo, esta fase da avaliação não terá sentido isolada. Serão realizados outros exercícios de uso das percepções sensoriais, onde todos terão oportunidade de exercitá-las melhor.

## II — A BUSCA DA ORIGINALIDADE

*"Deixe que as crianças sonhem com bananas cor-de-rosa".*

(H. Matisse)

Para familiarizar o aluno com o raciocínio que o leve ao original, também necessitamos buscar exercícios originais, alguns já bastante divulgados e conhecidos, o que faz com que o aluno, ao recebê-lo, já conheça algumas respostas.

A busca do novo está intimamente ligada à criatividade, e muito do que é criativo na vida humana consiste na redescoberta do que outros descobriram antes. Logo, o novo pode manifestar-se em novo para o indivíduo ou, novo para o grupo. Em ambos os casos, entende-se o novo como original e originalidade se define como a capacidade de produzir idéias que

nunca existiram anteriormente. É humanamente impossível saber-se se tal idéia nunca existiu; por isso avaliamos a originalidade sob três aspectos:

- 1) como incomum, quando, estatisticamente, as idéias são infreqüentes;
- 2) como remota, na capacidade de realizar associações indiretas;
- 3) como agudeza de espírito, quando são valorizadas as idéias argutas, de acordo com o julgamento da própria classe.

Pode-se fazer uma série infinita de exercícios que podem desenvolver desde o raciocínio lógico, como também a fertilização da imaginação. Iniciamos esta etapa com exercícios rápidos, onde os alunos deverão dar o maior número possível de respostas à resolução dos problemas que foram colocados, tais como: relacionar todos os usos de um jornal, de um tijolo, de um alfinete etc. Após, passamos a solicitar aos alunos, agora já em grupos, respostas mais complexas aos problemas mais complexos. São aconselháveis exercícios que conciliem a observação e a percepção com o uso da imaginação.

Em se tratando de alunos do Curso de Comunicação Social, que necessitam particularmente desenvolver a linguagem falada e escrita, cita-se, como exemplo, o seguinte exercício: dar a cada grupo de quatro alunos um espaço físico delimitado, que pode ser dois metros lineares de meio-fio, dois metros quadrados de calçada, um pequeno arbusto etc. Os grupos devem ter tempo limitado para observar e anotar tudo que ocorre na área recebida. Deverão anotar coisas como: acidentes geográficos, meio ambiente, vegetação, minerais, matérias vivas e matérias não-vivas, enfim, tudo que for possível perceber neste pequeno "microuniverso", que passa a ser isolado do resto do contexto. A seguir, devem observar as relações que existem entre os vários elementos, destacar personagens principais e personagens secundárias, dar nomes e personalidades às personagens e, finalmente, montar uma história cujo enredo e cenário se desenvolva naquele meio.

Como produto final do exercício, podemos levá-los à gravação da história em fita cassete, fazendo com que usem apenas o elemento vocal do grupo que, aliás, bem-explorado, permite uma rica sonoplastia. Outro produto final poderá ser uma produção gráfica, em forma de literatura infantil, ilustrada pelos próprios alunos e, neste caso, deverão também buscar a ilustração fora dos recursos tradicionais do desenho ou pintura. Tem-se chegado a excelentes resultados nestes tipos de exercícios criativos.

### III — A APRECIÇÃO DO NOVO

"Ao mesmo tempo que espontaneamente nos abrimos ao novo e o absorvemos, também espontaneamente o estruturamos. Os processos de descoberta são sempre processos seletivos de estruturação. Nossa abertura é complementada por delimitações anteriores, sem as quais nos desorientaríamos perante um mundo em contínuo desdobramento. Ao configurarmos o novo, relacionamo-lo a nós; organizamo-lo em função de nós, em função de nossas delimitações. Ainda que as delimitações sejam flexíveis, podendo estender-se junto às áreas novas da experiência, essas delimitações têm que estar presentes e funcionar em caráter de divisa, circunscrevendo e abrangendo os fenômenos, já para garantir ao menos sua percepção. Sem a capacidade de delimitar, lembramos, não seria possível ao ser humano compreender, ou imaginar, ou sequer perceber" (Fayga Ostrower).

Nossos alunos, após a reforma do primeiro e segundo graus, estão chegando à universidade ainda em plena adolescência, e uma das grandes inclinações da juventude nesta faixa de idade compreendida entre os dezesseis e os vinte e um anos é a receptividade ao novo. Com que avidez querem

modificar o mundo! E com que avidez alguns professores tentam deixá-los convencionais!

Aproveitando esta tendência natural da juventude, procura-se estimular os jovens a que observem o mundo a sua volta e proponham idéias de modificações. Um bom exercício, para iniciar, é propor a mudança radical (ênfatiza-se o radical) da própria estrutura do mundo, incluindo desde a forma física até a social. Ao final da fase da imaginação, leva-se os alunos a examinarem as novas idéias quanto ao seu mérito, ao invés de descartá-las como simples fantasias, e selecioná-las de acordo com algum critério estabelecido e limitado pelo próprio grupo. Assim, podem-se fazer cruzamentos entre idéias e chegar-se a algo totalmente novo e inusitado, mas nem por isto inviável.

Outro exercício seria modificar o "campus universitário", por exemplo. Deixa-se assim que venham à tona todas as observações críticas a que os alunos chegaram.

Segundo a linha dos exercícios já descritos, sugere-se outro: num aparelho monitor de TV colocar um anúncio comercial, desconhecido da classe, sem som, e solicita-se que os alunos criem um novo áudio de um fragmento de novela, por exemplo, e leva-se-os a desempenharem um jogo dramático, tentando representar o texto de forma nova do original. Exacerbam-se normalmente, aqui, as críticas aos padrões preestabelecidos pela televisão brasileira, o que é muito bom em termos de consciência crítica.

#### IV — A INVENTIVIDADE

"Por que o homem deve ficar conformado com o que já descobriu e inventou? — Por que não introduzir novos métodos e técnicas que levariam a aprender novas formas de percepção? Por que não começar com a revolução criadora da mente?" (Tom Hudson)

Se se quer promover a criatividade, precisa-se encorajar a expressão espontânea dos alunos. Deixar que soltem a imaginação. Um dos máximos cuidados que é necessário ter em classe é não criar bloqueios sob hipótese alguma, em especial o bloqueio do tipo autocensura. Deve-se deixar que o grupo se conheça, se descontraia, se autocomponha e se autoconfie. O aluno só poderá concentrar-se no exercício após uma perfeita integração no grupo e após um completo relaxamento físico e mental. Para tanto, sempre se inicia a aula com alguma técnica de relaxamento e descontração, principalmente esta última, pois nossos alunos, bastante envolvidos com os problemas referentes à política estudantil (principalmente), entram em sala de aula normalmente excitados e concentrados somente no que diz respeito ao seu interesse maior.

Um exercício que os leva a uma postura inventiva é solicitar-lhes que criem um modo totalmente novo de fazer comunicação. Um novo canal de informações, uma nova mídia, e assim por diante. Também é estimulante à inventividade pedir-lhes que criem um produto totalmente novo no mercado, e, neste exercício, temos chegado a resultados surpreendentes, pois os produtos, inventados e descritos com riqueza de detalhes (muitas vezes confecciona-se a maquete), podem ser perfeitamente viabilizados em termos de comercialização. Muitos produtos criados em sala de aula, por meio deste exercício, após algum tempo surgiram no mercado internacional criados e produzidos por indivíduos ou empresas. Isto quer dizer que, em algum lugar do mundo, um indivíduo ou um grupo está imaginando algo novo também, a fim de resolver o mesmo tipo de problema daquele nosso aluno que deixou o seu exercício no plano da idéia ou, simplesmente, da descrição.

## V — CONSIDERAÇÕES GERAIS

Terminando a descrição de alguns exercícios, a título apenas de exemplo, complementam esta matéria algumas considerações gerais que não podem deixar de ser feitas; mesmo com alguma redundância.

- Após o início da aula, a porta da sala não deve ser aberta para entrada e saída de alunos, pois isto perturbaria a concentração.
- Devem ser usadas técnicas de relaxamento físico e mental antes de todas as aulas.
- Os exercícios devem ser realizados na seqüência sugerida, uma vez que não acreditamos que alguém possa desenvolver a criatividade antes de ter desenvolvido a capacidade de observar, sentir e imaginar.
- A classe deve ser trabalhada de modo a que não se autocensure, o que exige exercícios de integração e espírito de grupo.
- Insiste-se no quanto é importante, no processo educativo, principalmente na educação através da criatividade, o desenvolvimento da concentração antes de se iniciar um exercício com outro objetivo.
- A experiência passada pode ser uma grande mestra, todavia pode ser uma barreira ao pensamento criativo.
- A criatividade exige do ser humano duas capacidades diversas: a de destruir o errado e construir o certo, um processo de luta constante que os inovadores empreendem em toda a sociedade.
- Uma das características do ser criativo é a sua capacidade de emocionar-se e controlar esta emoção. É necessário incluir na relação já sugerida algum exercício que vise estimular o "emocionar-se".
- A memória do ser humano é um dos elementos mais notáveis. É preciso que seja preservada, pois ela é uma fonte inesgotável para vários exercícios criativos.

## VI — CONCLUSÕES

Partindo do princípio de que criatividade não se ensina, mas estimula-se o seu exercício, através da conscientização de que todos nós podemos e devemos assumir um comportamento criativo, não é possível o cumprimento inflexível de um programa formal nesta disciplina. Também não se encerra, em sessenta horas-aula, um curso onde se pretenda desenvolver a criatividade. Estes exercícios são pontos de partida para os alunos que, se assumirem seu potencial criativo, terão mais e melhores condições para enfrentar os problemas futuros, problemas estes que serão de ordem pessoal ou profissional.

Através da realização de algumas atividades, o aluno poderá transportá-las para outras circunstâncias e áreas, pois a disciplina visa ajudá-lo a utilizar o pleno uso das próprias percepções e da atenção. Também visa criar a necessidade de buscar respostas diferentes, mas nem por isso erradas, para futuros problemas e desafios.

Esta disciplina, adaptada, é claro, poderia fazer parte de todos os cursos de nível universitário, a exemplo do que vem acontecendo, por exemplo, na Universidade de Buffalo, nos Estados Unidos. A disciplina, entretanto, não deveria enquadrar-se como uma disciplina teórica, e mesmo prática, onde são exigidas, sobretudo, notas bimestrais. Pode-se avisar os alunos, no início, de que não terão a nota do primeiro bimestre e que, após a avaliação conjunta aluno-professor-grupo, será dada apenas uma nota ao final do semestre.

Quanto à freqüência, para desenvolver este tipo de atividade com sucesso, o aluno deve realizar todos os exercícios, colocados numa seqüência

tal que permita ir trabalhando o processo criativo de forma cumulativa e contínua. Logo, faltar a uma ou mais aulas prejudicará o resultado final. Deve-se exigir frequência integral, abrindo-se a oportunidade de recuperação imediata da aula em falta.

Este artigo aborda uma experiência pessoal nossa. Como Ernest Cobat, professor americano de criatividade costuma dizer, é preciso encontrar uma estrela numa maçã. Afinal criar é a coisa mais nobre que o ser humano pode fazer, ou, procriar não seria "dar origem a algo totalmente novo e original".<sup>4</sup>

A imaginação só se torna fantasia quando nos é tirado o direito de, através de vários tipos de bloqueio, experimentarmos novas formas e maneiras de resolver problemas.

#### VIII — BIBLIOGRAFIA

1. ARNHEIN, Rudolf, *Arte e percepção visual; uma psicologia da visão criadora*, Ed. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.
2. BARRETO LEITE, Luísa, *Teatro e criatividade*, MEC-SNT, Rio de Janeiro, 1975.
3. DAVIS, Flora, *A comunicação não-verbal*, Summus Editorial.
4. EHRENZWEIG, Anton, *Psicanálise da percepção artística; uma introdução à teoria da percepção inconsciente*, Zahar, Rio de Janeiro, 1977.
5. GUILFORD, J. P., *Intelligence, creativity and their educational implications*, Robert H. Knapp, San Diego, Califórnia, 1968.
6. HESKETH, J. L. *Criatividade para administradores*, Vozes, Petrópolis, 1980.
7. KNELLER, G., *Arte e ciência da criatividade*, IBRASA, Rio, 1968.
8. NOVAES, M. H., *Psicologia da criatividade*, Vozes, Petrópolis, 1971.
9. OSBORNE, Alex F., *O poder criador da mente*, Instituição Brasileira de Difusão Cultural S/A.
10. OSTROWER, Fayga, *Criatividade e processos de criação*, Vozes, Petrópolis, 1978.

#### NOTAS

1. Maria Helena Novaes, *Psicologia da criatividade* (Prólogo).
2. Ementário da Universidade Federal de Santa Maria, 1984.
3. José Luís Hesketh, *Criatividade para administradores*.
4. Cândido Oliveira, *Dicionário mor da língua portuguesa*.